

## POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS DA AUTOSCOPIA NA PESQUISA COM CRIANÇAS EM CONTEXTO ESCOLAR

METHODOLOGICAL POTENTIALITIES OF AUTOSCOPY IN RESEARCH WITH CHILDREN IN A SCHOOL CONTEXT

POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS DE LA AUTOSCOPIA EN LA INVESTIGACIÓN CON NIÑOS EN EL CONTEXTO ESCOLAR

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz<sup>1</sup> <https://orcid.org/0000-0002-1383-8641>

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia–Itapetinga, Bahia, Brasil; [ritasouza@uesb.edu.br](mailto:ritasouza@uesb.edu.br)

**RESUMO:** O trabalho analisou as potencialidades metodológicas da autoscopia na pesquisa com crianças em contexto escolar. A pesquisa, pautada nas diretrizes epistemológicas da investigação qualitativa foi realizada em uma escola pública que atende crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os participantes foram quatro crianças que apresentavam dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita e sua respectiva professora. Os instrumentos, vídeogravação e autoscopia, viabilizaram a investigação das ações de violência psicológica da professora na relação com as crianças, bem como a análise microgenética das situações vivenciadas nessa relação e a autoavaliação realizada pelas próprias crianças. A análise microgenética das falas das crianças, durante a autoscopia, viabilizou a identificação de categorias para classificação das ações de violência psicológica: agressão verbal (xingamentos, gritos); agressão física (colocar na carteira, fazer sentar, empurrar); indiferença (não olhar a tarefa) e rejeição (falta de atenção em comparação com os colegas). Os resultados evidenciaram aspectos significativos para o uso da autoscopia na pesquisa com crianças: a) duração das sessões, b) falar sobre o outro, c) falar sobre si, d) aplicação sem uso de outros recursos metodológicos, e) condição da criança como autora. O uso da autoscopia possibilitou, à própria criança, expressar-se a respeito das situações vivenciadas na relação professor-aluno e a produção de elementos/indícios que viabilizaram a compreensão do impacto dessa vivência nas formas de ver o outro. Considera-se que uma das contribuições desta pesquisa foi demonstrar que a autoscopia pode ser um recurso metodológico eficiente para trabalhar com crianças em contexto educacional.

**Palavras-chave:** Autoavaliação; Autoscopia; Crianças; Educação; Subjetividade.

**ABSTRACT:** The present work analyzed the methodological potential of self-observation in research with children in a school setting. The research, based on the epistemological guidelines of qualitative research was carried out in a public school that serves children in the Early Years of Elementary Education. Participants were four children who had learning difficulties in reading and writing and their respective teacher. The instruments, video recording and autoscopia, enabled the investigation of the teacher's actions of psychological violence in relation to the children, as well as the analysis of the situations experienced in this relationship and the self-assessment carried out by the children themselves. The analysis of the children's speeches, during the autoscopia, enabled the identification of categories in which they were used to classify the actions of psychological violence: such as: verbal aggression (name calling,

# POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS DA AUTOSCOPIA NA PESQUISA COM CRIANÇAS EM CONTEXTO ESCOLAR

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz

screaming); physical aggression (putting it in the wallet, making it sit down, pushing); indifference (not looking at the task) and rejection (lack of attention compared to peers). The results showed significant aspects for use of autoscopia in research with children: a) duration of sessions, b) talking about the other, c) talking about oneself, d) application without using other methodological resources, e) condition of the child as a author. The use of autoscopia made it possible for the child to express himself about the situations experienced in the teacher-student relationship and the production of elements/indications that enabled the understanding of the impact of this experience on the ways of seeing the other. It is considered that one of the contributions of this research was to demonstrate that autoscopia can be an efficient methodological resource to work with children in an educational context.

**Keywords:** Self-evaluation; Autoscopia; Childrens; Education; Subjectivity.

**RESUMEN:** Este estudio analizó el potencial metodológico de la autoscopia en la investigación con niños en el ámbito escolar. La investigación, basada en los lineamientos epistemológicos de la investigación cualitativa se llevó a cabo en una escuela pública que atiende a niños de los Primeros Años de Educación Básica. Los participantes fueron cuatro niños que presentaban dificultades de aprendizaje en lectura y escritura y su respectivo docente. Los instrumentos, videograbación y autoscopia, posibilitaron la investigación de las acciones de violencia psicológica del docente en la relación con los niños, así como el análisis de las situaciones vividas en esa relación y la autoevaluación realizada por los propios niños. El análisis de los discursos de los niños, durante la autoscopia, posibilitó la identificación de categorías en las que fueron utilizados para clasificar las acciones de violencia psicológica: tales como: agresión verbal (insultos, gritos); agresiones físicas (meterlo en la cartera, obligarlo a sentarse, empujarlo); indiferencia (no mirar la tarea) y rechazo (falta de atención frente a los compañeros). Los resultados mostraron aspectos significativos para el uso de la autoscopia en la investigación con niños: a) duración de las sesiones, b) hablar del otro, c) hablar de uno mismo, d) aplicación sin utilizar otros recursos metodológicos, e) condición del niño como autor. El uso de la autoscopia posibilitó que el niño se expresara sobre las situaciones vividas en la relación profesor-alumno y la producción de elementos/indicaciones que posibilitaron la comprensión del impacto de esa experiencia en los modos de ver al otro. Se considera que uno de los aportes de esta investigación fue demostrar que la autoscopia puede ser un recurso metodológico eficiente para trabajar con niños en un contexto educativo.

**Palabras clave:** Autoevaluación; Autoscopia; Niños; Educación. Subjetividad.

## Introdução

Ainda pouco explorada na pesquisa com crianças e, a partir do aprofundamento de estudos do processo educacional, principalmente com docentes (Arrigo *et al.*, 2017; Schmidt *et al.*, 2019; Souza *et al.*, 2019; Ferraz, 2019; Nunes, 2020; Silva; Nunes, 2020; Codato; Gomes, 2022) a autoscopia começa a ganhar espaço entre pesquisadores preocupados na inserção das crianças como coprodutoras de dados de pesquisa (Tosta, 2006; Nascimento, 2011; Carvalho; Passos, 2014; Nunes, 2020).



# POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS DA AUTOSCOPIA NA PESQUISA COM CRIANÇAS EM CONTEXTO ESCOLAR

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz

A definição da autoscopia, no Brasil, foi referenciada por Sadalla e Larocca (2004), mas outros autores têm apresentado conceitos que a sustentam epistemologicamente e metodologicamente. Destacamos o conceito trazido por Carvalho e Passos (2014, p. 80) que apresentam a autoscopia como “procedimentos de coleta de informações por meio da gravação da ação do sujeito e, na continuidade, coloca-o como avaliador de seu próprio desempenho”, que possibilita a reflexão sobre e na ação pedagógica e o de Galvão e Cunha (2013, p. 208) que caracterizam como uma “ação em que o sujeito se volta para si mesmo para analisar-se, com o auxílio de uma tecnologia de imagem como o vídeo”. A autoscopia também é vista como procedimento de pesquisa e intervenção reflexiva por ser similar ao da sala de espelhos (Schön, 2000) como no estudo de Rosa-Silva, Lorencini Júnior (2007).

Ante as potencialidades da autoscopia como um instrumento de formação, mediante o recurso da videogravação de práticas com sujeitos específicos, em contextos diversos que assistem ao vídeo a *posteriori*, autoavaliam suas condutas e realizam uma autorreflexão, esta, também, se caracteriza como procedimento e como técnica. Em comparação com outras formas de pesquisa torna-se procedimento quando aliada a videogravação e técnica, ao permitir ao pesquisador uma compreensão mais profunda sobre o fenômeno a ser investigado.

Uma das contribuições deste estudo é demonstrar as potencialidades da autoscopia como um recurso eficiente para a pesquisa com crianças em contexto educacional e de autorreflexão sobre as ações de violência psicológica na relação professor-aluno. Assim, foram investigadas, por meio da autoscopia, as ações de violência psicológica de uma professora na relação com os estudantes, a análise das situações vivenciadas nessa relação e a autoavaliação feita pelas próprias crianças. Portanto, o objetivo foi analisar as potencialidades metodológicas da autoscopia na pesquisa com crianças em contexto escolar.

## Material e Métodos

Este trabalho apresenta os resultados do Projeto de Pesquisa intitulado “O uso da autoscopia na pesquisa com crianças em contexto escolar”, cadastrado e aprovado pelo Comitê de Ética CAAE nº 04672612.0.0000.0055 da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e contou com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A pesquisa, pautada nas diretrizes epistemológicas da investigação qualitativa, foi realizada com 04 (quatro) crianças de uma turma dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental com diagnóstico de dificuldades de aprendizagem: Mateus (09 anos); Felipe (10 anos); Gustavo (09 anos); Fernanda (10 anos). Todos os participantes receberam nomes



# POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS DA AUTOSCOPIA NA PESQUISA COM CRIANÇAS EM CONTEXTO ESCOLAR

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz

fictícios, visto que as identidades dos sujeitos devem ser protegidas, para que a informação não lhes cause qualquer tipo de dano, constrangimento, transtorno ou prejuízo e assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

Para a construção dos dados foram utilizados os instrumentos: videogravação e autoscopia. As cenas videogravadas, objeto da autoscopia, foram coletadas do banco de dados do Centro de Pesquisa e Estudos Pedagógico (CEPEP) obtidas do Projeto de Pesquisa intitulado “A violência psicológica na relação entre professor e aluno dos anos iniciais da escolarização” (Ferraz, 2021), cadastrado e aprovado pelo Comitê de Ética CAAE nº 04672612.0.0000.0055 da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

As cenas, objeto da autoscopia, focalizavam a relação professor-aluno com situações que, de acordo com três julgadores em concordância, apresentaram atos com violência psicológica, conforme definição do Ministério da Saúde: “constitui toda forma de rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, cobranças exageradas, punições humilhantes e utilização da criança ou do adolescente para atender às necessidades psíquicas dos adultos” (Brasil, 2002, p. 13). As cenas selecionadas foram editadas, transcritas e organizadas em episódios apresentados a cada criança durante a autoscopia com a supervisão de uma psicóloga para intervenção, caso necessária, de forma que não houvesse prejuízos psicológicos para as crianças.

O recurso da videogravação também para os encontros da autoscopia possibilitou registrar não só o que foi dito, como também as expressões faciais e gestos emitidos pela criança ao se ver frente à imagem das cenas vivenciadas em sala de aula. Assim, foi possível registrar, além do relato verbal da criança, outros indícios dos efeitos da sua relação com a professora. As questões eixo das quais derivaram as perguntas elaboradas às crianças versaram sobre a visão delas em relação às ações de violência da professora no cotidiano escolar.

Ocorreram 06 (seis) encontros para três das crianças e 03 (três) encontros para uma, em virtude de esta última apresentar uma maior dificuldade em se expressar. Os encontros para a autoscopia seguiram as fases: preparação (escolha do tema, estudo das características das crianças e planejamento da atividade), desenvolvimento (registro da realização da ação/situação a ser videogravada), visionamento (visualização das ações/situações videogravadas e confronto com a própria ação/situação, revisão das atitudes e comportamentos para análise), análise (observação do registro das manifestações relevantes sobre os aspectos investigados) e síntese (identificações das ações/situações a serem melhoradas) (Bourron; Chaduc; Chauvin, 1998). Na sequência, procedeu-se a leitura do material, repetidas vezes, para

familiarização e apropriação do mesmo com o objetivo de identificar e organizar as categorias de análise.

## Os episódios e as vivências: manifestações na autoscopia

Os episódios selecionados para a autoscopia com ações de violência psicológica vivenciadas na relação com a professora foram: rejeição (02 episódios); humilhação (04 episódios); indiferença (05 episódios). Na sequência, estes foram organizados em categorias: agressão verbal (xingamentos, gritos); agressão física (colocar na carteira, fazer sentar-se, empurrar); indiferença (não olhar a tarefa) e rejeição (falta de atenção em comparação com os colegas). O uso da autoscopia possibilitou, à própria criança, expressar-se a respeito das situações vivenciadas na relação professora-aluno e produzir, assim, elementos/indícios para a compreensão do impacto dessa vivência nas formas de ver o outro.

Na categoria agressão verbal, as crianças relataram sentirem-se ofendidas pelos xingamentos e gritos que lhes foram dirigidos. Entre o rol de agressões verbais que permearam a relação com a professora as crianças revelaram não gostar, especialmente, dos xingamentos:

[...] P.: O que você acha dessa professora? Mateus: Ruim. P.: Por que você a acha ruim? Mateus: Porque ela fica xingando. [...] P.: Como era a tia Luíza? Mateus: De vez em quando era boa, mas de vez em quando ela xingava os meninos. [...] P.: A professora Luíza xingava você? Mateus: De vez em quando ela xingava os meninos lá. P.: E você? Mateus: Também. [...] P.: Vocês conversavam sobre a professora? Mateus: Falava que ela era ruim. Olha ai! Ela não deixava ninguém ir para o banheiro ou beber água. P.: Aqui ela pediu, por favor? Ela pede sempre? Mateus: Pede. Mas tem hora que ela ficava brava e fica xingando os meninos. P.: E ela fala como? Mateus: Ela fica xingando umas coisas ruim. P.: Você lembra o quê? Mateus: Ela fala, ela grita. Ela fica xingando um tanto de coisa ruim. Grita. (Autoscopia Mateus)

[...] P.: Que mais ela faz? Felipe: Ela xinga P.: Ela xinga? Felipe: balança a cabeça afirmando. P.: Nesse dia ela xingou? Felipe: balança a cabeça afirmando. (Autoscopia Felipe)

Essa agressão verbal (xingamentos) dirigida aos alunos levou a uma reflexão sobre o que a professora fazia da sua ação pedagógica, visto ser considerada como uma boa relação entre professor e aluno, a que estabelece um vínculo imprescindível para a aprendizagem escolar. Muitas vezes, além das palavras, os gestos, as expressões faciais, as inflexões de voz e posturas revelam as disposições inconscientes de aceitação ou rejeição, crença ou descrença no outro, passam despercebidas.

Em outro episódio, a reação da criança à atitude da professora foi o de medo, evidenciando a inexistência de espaço para orientação, pois esta ocorria à base de gritos e atitudes de impaciência, na qual buscava se esquivar de uma situação de constrangimento, distanciamento da escola e de oportunidades de aprendizagem formal:

# POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS DA AUTOSCOPIA NA PESQUISA COM CRIANÇAS EM CONTEXTO ESCOLAR

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz

[...] P.: Por que você não gostava da professora Luíza? Fernanda: Ela era muito ignorante. P.: Ignorante como? O que ela fazia com você? Fernanda: Ela me xingava. P.: Ela xingava você? Fernanda: Eu pegava e vinha embora depois falava para minha mãe. Minha mãe pegou e falou que não era para eu ir para a escola não. Também não fui não. Daí ela (a professora) falou bem assim: “Por que Fernanda não veio?” Eu falei bem assim: A senhora fica me “xingando”, me “gritando”. A maioria dos colegas responde ela e ela fica com ignorância, xingando. (Autoscopia Fernanda)

Ao relatar que a professora era ignorante (dos bons modos) e que a xingava, Fernanda, demonstrou sua insatisfação faltando à escola (com aquiescência da mãe). A ação de xingar da professora, provocou, nela, um receio em fazer perguntas sobre o conteúdo das atividades em sala de aula:

[...] P.: Por que você acha que não sabia nada na primeira série? Fernanda: Porque a professora não me ensinava direito. P.: E você não perguntava as coisas para ela, quando não entendia? Fernanda: Quando eu perguntava, ela vinha com ignorância. Daí eu peguei fechei meu caderno e fiquei lá esperando. P.: E quando ela fazia isso, como você se sentia? Fernanda: Eu ficava com vergonha dos meus colegas. Meus colegas ficavam me xingando de burra. P.: Xingavam você? Fernanda: Hã, hã. De burra. P.: O que você sentia? Fernanda: Ficava com vergonha, pegava e vinha embora para casa. (Autoscopia Fernanda)

Ser chamada de “burra” foi percebido por Fernanda como um xingamento e, mais do que isso, como uma palavra que cunha uma incapacidade que a inferiorizava e da qual se envergonhava perante os colegas, contribuindo para uma autoavaliação depreciativa; uma internalização do não saber como consequência de sua própria incompetência. Se no cotidiano escolar a imagem construída pelo aluno é a de ser incapaz de aprender, a relação estabelecida com a professora, e até mesmo com os colegas, tende a reforçar essa imagem. Outra possível implicação foi o descrédito, por parte da professora, no aprendizado do aluno, o que remete à probabilidade de que a criança se sentir incapaz na escola e, também em outros espaços da vida.

Os alunos Gustavo e Felipe ressaltaram os gritos da professora como um comportamento recorrente:

[...] P.: Ela está gritando com você? Gustavo: É. P.: Por quê? Gustavo: Porque eu estava aqui na carteira dela. P.: Ela sempre faz isso com você? Gustavo: Faz. [...] P.: Ela também te ensina em silêncio? Felipe: Não. Ela grita. P.: Ela grita? Felipe: (balança a cabeça afirmando). (Autoscopia Gustavo)

As ações grosseiras da professora demonstraram que a relação vivenciada no dia a dia escolar era marcada pela falta de envolvimento, de afeição e de uma postura inapropriada para um educador, ao ponto de Fernanda não a respeitar como professora:

[...] P.: Você gostava do jeito que ela (professora) te orientava? Fernanda: Tinha dia que eu nem perguntava a ela. P.: Não perguntava a ela? Fernanda: Não. Meu pai que é meu pai não grita para ela me gritar. Meu pai eu respeito agora ela não. P.: Mas, ela você tem que respeitar. É a sua professora. Fernanda: Mas, professora não grita. Ela gritava na sala. P.: Ela gritava muito com você? Fernanda: hum, hum (afirmativamente). (Autoscopia Fernanda)

# POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS DA AUTOSCOPIA NA PESQUISA COM CRIANÇAS EM CONTEXTO ESCOLAR

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz

Além das ações da professora ser um reflexo da falta de respeito, isso conduziu a um distanciamento na relação professora-aluna, ocasionado pelas ações da docente, o que levou Fernanda a não mais indagar sobre suas dúvidas na execução das tarefas; deixar de perguntar pareceu, para Fernanda, evitar que a professora gritasse com ela. É perceptível através dessas ações uma concepção de professora, que se contrapõe ao ser docente numa perspectiva histórico-cultural, pois segundo Vigotski (2000) é na relação com o outro que nos tornamos quem somos. É, ainda, nas e pelas relações que o professor conhece/experiencia e constrói o contexto, a prática docente e os aspectos das relações entre professor-aluno e suas particularidades.

A postura e as ações da professora talvez sinalizassem uma falta de afinidade com sua profissão; não gostava do que fazia e tinha uma relação negativa com as crianças, constituída por experiências marcadas com posturas e práticas que não condizem com um processo de escolarização que favorece a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos.

Para Fernanda, se esconder da professora, pareceu ser uma esQUIVA de suas ações em relação ao seu “não saber”, aumentando, assim, a frustração e o sentimento de incompetência. Nessa situação, o aprender, passa a ser um processo doloroso. O conflito entre a postura da professora e a vontade de aprender dos alunos estava atrelado a um temor e a um sentimento de vergonha pelo não saber. Dessa forma, a criança pode, a partir dessa vivência, adquirir a consciência de que a consequência legítima do não saber era, em geral, não ter a atenção e o empenho da professora no auxílio à execução das tarefas escolares, como no episódio vivenciado por Gustavo:

[...] P.: Por que ela falava desse jeito? Gustavo: Na hora que ela vinha eu escondia a cara assim (Gustavo abaixa a cabeça demonstrando como fez) para ela não me ver. P.: E quando você precisava não a chamava? Gustavo: Não. Não sabia ainda. P.: Mas ela não te ensinava? Gustavo: Ensinava. Mas porque eu não sabia ainda. (Autoscopia Gustavo)

Mesmo precisando de auxílio para as tarefas escolares, Gustavo preferia não chamar a professora para ajudá-lo e, como justificativa, afirmava que “Não sabia ainda”. No caso de Gustavo, sua percepção foi justificar o modo de agir da professora ao fato dele não saber (ler, escrever). É nessa configuração que a violência psicológica se torna simbólica, ou seja, quando a criança legitima o que o outro pensa ou sente sobre ela e, especialmente, legitima as ações do outro em relação a si; no caso a professora representa a autoridade na instituição escolar (Bourdieu, 2001). Nessa relação com a professora, a criança passa a se constituir como incompetente, fracassada, aumentando assim, o sentimento de desvalorização de si. Mas,

# POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS DA AUTOSCOPIA NA PESQUISA COM CRIANÇAS EM CONTEXTO ESCOLAR

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz

quando a criança percebe esse modo de agir da professora como violência, esta deixa de ser violência simbólica, pois é deslegitimada.

Com base na perspectiva histórico-cultural, a professora não agia de forma que favorecesse a zona de desenvolvimento iminente (Vigotski, 2021). Sendo assim, a criança que não sabia conseqüentemente não encontrava oportunidades para aprender. Essas ações se constituíram como parte de um contexto hostil que se refletiu nas relações entre esses alunos e a professora.

Na categoria agressão física, as falas das crianças evidenciaram a vivência de situações agressivas quando a professora: retirava um objeto à força ou quando foram seguradas pelos braços e forçadas a sentar ou empurradas. A análise contextual desse tipo de violência permitiu afirmar que se tratou, nessa situação de sala de aula, de uma violência psicológica por conter as características de humilhação e rejeição.

A atitude da professora em retirar, com agressividade, o lápis de sua mão, de forma a impedi-lo de realizar outra atividade que não a determinada por ela, revelou um impedimento da conclusão de uma tarefa proposta, como na cena descrita na sequência:

[...] P.: Agora ela fez o que? Gustavo: Tomou o lápis. P.: E fez o que com o lápis? Gustavo: Guardou. P.: E você estava escrevendo? Gustavo: Tava. P.: E ela tomou o seu lápis? Gustavo: (Gustavo balança a cabeça confirmando.) P.: Ela sempre faz isso Gustavo? Gustavo: Às vezes faz. (Autoscopia Gustavo)

Atitude também ocorrida em outros momentos, como quando Gustavo foi empurrado pela professora para que se sentasse na carteira:

[...] P.: E agora ela fez o que com você? Gustavo: Ela puxou. P.: Ela puxou você? Gustavo: Ela me empurrou para trás. P.: Ela empurrou você? Gustavo: (Gustavo balança a cabeça que sim) P.: Empurrou para você se sentar? Gustavo: (Novamente balança a cabeça confirmando). (Autoscopia Gustavo)

Para a professora essa pode ter sido uma forma de controle ao empurrar a criança para se sentar na carteira. No entanto, a intensidade e a forma dessa conduta podem resultar em agressão física. Aqui, o comportamento inadequado do aluno foi impedido sem que houvesse uma mediação da professora através do diálogo: “Ela puxou”; “Ela me empurrou para trás”. Ações agressivas de professoras, na sala de aula, também foram identificadas por Ristum (2001); Oliveira *et al.* (2021).

A vivência de situações como essas faz com que a criança possa manifestar sentimentos diversos (medo, tristeza, raiva) com os quais terá que conviver desde muito cedo. Isso se agrava ainda mais quando a criança passa a ver a escola como um espaço também de ameaça e sofrimento. Como consequência, repetições dessas ações no cotidiano escolar podem imprimir

# POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS DA AUTOSCOPIA NA PESQUISA COM CRIANÇAS EM CONTEXTO ESCOLAR

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz

comportamentos aversivos na relação professor-aluno, além de contribuir para a estigmatização e a exclusão dos alunos:

[...] P.: O que aconteceu? Gustavo: Só por causa desse encrenqueiro ela me botou para fora. (cena em que a professora expulsa Gustavo da sala) P.: Ela levou você para a diretoria? Gustavo: Não. Lá para fora da sala. Oh, o outro (mostra a cena). P.: Você ficou com raiva não foi? Gustavo: Foi. Eu fui embora. P.: Mas você ficou triste? Gustavo: Não, mas eu fiquei com medo por causa da minha avó. P.: Por que você ficou com medo da sua avó? Gustavo: Minha avó briga comigo. Me dá uma surra. P.: E a professora te colocou para fora porque você mudou de carteira? Gustavo: Foi. P.: E você sentiu o que? Gustavo: Eu ia pegar... Eu peguei... Olha aí... Ela foi e me pegou pelo braço. P.: Não conversou com você? Gustavo: Não. P.: Por que será que ela faz isso? Gustavo: Eu lembro da outra professora fazendo assim... (Gustavo levanta-se e demonstra) Pegava a gente, sentava a gente assim na carteira e reclamava, mas brincava com a gente. (Autoscopia Gustavo)

No contexto escolar, ações como essas influenciam, tanto nas relações interpessoais quanto na construção do conhecimento. A ameaça de expulsão provoca tanto a insegurança quanto a continuidade ou não da escolarização. No episódio acima, Gustavo não gostou da atitude da professora e comparou a ação dela com a de outra docente que, embora fosse capaz de reclamar, conversava e brincava com os alunos. Nesse caso, a convivência com outra professora permitiu-lhe a construção de uma imagem de professor como sendo uma pessoa mais acolhedora e menos punitiva.

Na categoria indiferença as atividades dos alunos, em sala de aula, foram marcadas pelo fazer solitário: o aluno sozinho, com suas dúvidas, deveria encontrar as respostas para suas tarefas escolares. O aluno vivenciava, assim, diariamente, o sentimento de incompetência que essa prática lhe impunha. Dessa forma, esse fazer pedagógico leva os alunos, ao longo da escolarização, ao desenvolvimento de um sentimento de incapacidade e inferioridade, por não conseguirem, muitas vezes, concluir as tarefas escolares com êxito.

O descaso da professora em não olhar ou dar atenção às atividades dos alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem, demonstrou que o ser indiferente às necessidades das crianças no processo de aprendizagem nega, a elas, o direito de auxílio às suas dificuldades, à construção do conhecimento:

[...] P.: Quando você quer ajuda para entender uma tarefa como você faz? Gustavo: Eu faço sozinho. P.: Pede ajuda a professora? Gustavo: Às vezes ela ajuda. [...] P.: Você está fazendo o dever porque ela mandou? Gustavo: É. P.: E ela te explicava? Gustavo: Explicava mais os meninos. Eu fui fazendo. P.: Mas ela te orientou ou deixou sem orientar? Gustavo: Não. Deixou sem orientar. [...] P.: Quando você não sabia fazer o dever ela te ajudava? Gustavo: Às vezes. Muitas não. P.: Às vezes você ficava sem entender? Gustavo: É. Eu não sabia ler e não sabia o alfabeto. (Autoscopia Gustavo)

A indiferença da professora foi percebida pelo aluno como ausência de auxílio para o desenvolvimento de atividades que não consegue realizar sozinho, principalmente quando não sabe ler ou escrever: “Eu não sabia ler e não sabia o alfabeto”. Nesse caso, a criança compreende

# POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS DA AUTOSCOPIA NA PESQUISA COM CRIANÇAS EM CONTEXTO ESCOLAR

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz

sua dificuldade, seu não saber e parece conceber isso como uma justificativa para a ausência de atenção da professora. Mesmo quando a criança necessitava de auxílio, a fala e a ação da professora era para que o aluno fizesse a atividade, sozinho:

[...] P.: O que você está fazendo? Gustavo: Minha tarefa. P.: Eu não vi você entregar seu caderno para ela. Ela não olhava? Gustavo: Olhava poucas vezes. Algumas vezes. Tinha vez que eu falava: Tia eu vou fazer com minha mãe. Aí ela falava: é para fazer sozinho. P.: Você ainda está copiando o dever. Ela te ajudou nesse dia? Gustavo: (Gustavo balança a cabeça indicando que não). (Autoscopia Gustavo)

Uma criança que apresenta dificuldades de aprendizagem deveria contar com o apoio de alguém que sabe mais (intervenção pedagógica através da zona de desenvolvimento iminente) tomando como base as ideias de Vigotski (1993) em relação à aprendizagem e ao desenvolvimento. A escola costuma valorizar o nível de desenvolvimento real dos alunos, nivelando o aprendizado àquilo que o aluno consegue fazer sozinho. Ignora-se, assim, o nível de desenvolvimento iminente. Mas, para o autor, é nessa zona de desenvolvimento que as intervenções do adulto devem ocorrer. Portanto, é de suma importância a mediação do professor na relação pedagógica. A intervenção do professor caracteriza a promoção da aprendizagem e, conseqüentemente do desenvolvimento do indivíduo, o qual reconstrói e reelabora os significados que lhe são transmitidos pelo grupo social.

Distanciando-se dessa concepção de Vigotski (1993), o que se observou, com frequência, na sala de aula, foram crianças que realizavam atividades sozinhas sem terem conhecimentos e habilidades necessárias para resolvê-las:

[...] P.: Ela (professora) levanta-se da mesa para olhar a atividade? Gustavo: Eu fui lá, mas ela não olhou não. P.: Ela só ficava balançando a cabeça? Gustavo: Era. Eu ficava olhando para ela. Aí depois eu ficava olhando o dever. P.: Você ficava triste? Gustavo: (Gustavo balança a cabeça que sim) Ficava com raiva P.: Você queria que ela olhasse seu dever? Gustavo: Hum Hum (afirmativamente). (Autoscopia Gustavo)

[...] P.: Você copiou no quadro? Felipe: Foi. P.: E a professora viu seu caderno? Felipe: Viu não. P.: Mas você copiou? Felipe: (Balança a cabeça que sim) P.: E ela vê seu caderno na sala? Felipe: Não. P.: E você copia por quê? Felipe: Eu copio. P.: Você gosta dessa professora? Felipe: Ela é ruim. P.: É ruim. Por que ela é ruim? Felipe: Ela não ensina. P.: E ela fazia o quê? Felipe: Ela reclama. (Autoscopia Felipe)

A indiferença da professora em relação ao processo de orientação dos alunos durante a execução das atividades escolares despertou sentimentos negativos como a raiva, a exemplo de Gustavo que desejava aprender, tinha interesse, mas era cerceado pela atitude da professora que se mostrava indiferente à sua atividade.

Durante a seleção dos episódios foram observados vários momentos que respaldaram a argumentação dos alunos de a professora ser “ruim” porque não ensinava, reclamava e não

# POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS DA AUTOSCOPIA NA PESQUISA COM CRIANÇAS EM CONTEXTO ESCOLAR

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz

olhava as atividades escolares. Não houve qualquer orientação, qualquer atenção diferenciada que pudesse indicar, por parte da professora, uma preocupação com a aprendizagem desses alunos com o rótulo de dificuldade de aprendizagem.

A concepção de boa professora atrelada àquela que ensina e que, ao fazer isso, imprime respeito ao saber do aluno (e às suas lacunas), pode favorecer o estabelecimento de emoções positivas no processo pedagógico. A postura de um professor nas relações de ensino-aprendizagem, segundo Vigotski (2003), é a de enfatizar a emoção na assimilação dos conteúdos pedagógicos, pois são as emoções também devem se constituir como base do processo educativo. A emoção e o interesse devem, necessariamente, servir de ponto de partida para qualquer trabalho educativo. Assim sendo, cabe ao professor estruturar a atividade pedagógica que oriente o conteúdo e os ritmos de desenvolvimento das funções psicológicas superiores, pois, assim, ajudará a criança a guiar o seu comportamento (Vigotski, 2021); a encaminhar o ensino de maneira que leve o aluno ao desenvolvimento máximo de suas capacidades.

Quanto a categoria rejeição, esta foi marcada com ações de não aceitação da professora para com os alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem. A diferenciação em relação aos outros alunos foi desvelada nas atitudes cotidianas, em sala de aula, com situações de preferência pelos alunos que, de alguma forma, se aproximavam mais do modelo idealizado pela professora. Nessa direção, as ações de rejeição foram explícitas e as crianças participantes reagiram a esse comportamento deixando transparecer o que sentiam e o que pensavam das situações vivenciadas cotidianamente:

[...] P.: Esse aqui é você? Gustavo: É. P.: Está todo mundo em pé e só você que está sentado? Gustavo: (Gustavo balança a cabeça afirmativamente com expressão de tristeza.) P.: Por quê? Gustavo: Por nada. Porque eu levantei. Gustavo fica em silêncio observando a cena e depois de algum tempo, mostra uma aluna na sala e diz: Ela só gostava dessa menina aí. P.: Por que ela a ajuda? Gustavo: É. P.: Você acha que a professora ajuda mais essa aluna? Gustavo: Ajuda essas aí. Só elas. P.: Somente essas meninas? Gustavo: Só essas que ficam aqui. (mostra o lugar onde está um grupo de meninas e a professora) P.: Então você acha que ela ajuda mais essas meninas? Gustavo: É. P.: E o resto da turma ela não ajuda muito? Gustavo: Não. P.: Por quê? Gustavo: Porque quando a gente termina, ela manda a gente fazer o dever. P.: Essa turma aqui da frente, ela não ajuda muito? Gustavo: Não. (Autoscopia Gustavo)

[...] P.: Você foi fazer o quê? Mateus: Mostrar o dever para ela. P.: Ela viu? Mateus: Ela não gosta de ver as tarefas não. P.: Ela não gostava de ver suas tarefas? Mateus: Só gostava de uns meninos aí da sala. P.: E por que você acha isso? Mateus: (Mateus balança os ombros como se significasse não sei.) P.: Ela olhava suas tarefas? Mateus: Não. [...] P.: Ela era boa com você? Mateus: (Mateus balança a cabeça negativamente.) P.: Ela fazia o quê? Mateus: Ela sentava e não via meu dever. Só via os dos outros meninos. (Mateus observa a cena concentrado). [...] P.: O que a professora fez agora? Mateus: Ela está olhando o dever dos meninos. P.: Ela viu sua tarefa? Mateus: Não. P.: Ela não olhou de novo? Mateus: Não. P.: Você a chamava? Mateus: Chamava. (Autoscopia Mateus)

# POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS DA AUTOSCOPIA NA PESQUISA COM CRIANÇAS EM CONTEXTO ESCOLAR

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz

A percepção das ações de rejeição pareceu mais aguda quando contrastada com a atenção dada aos colegas que sabiam mais do que eles. Mateus demonstrou ter consciência de que era tratado de uma maneira diferenciada em comparação aos colegas. Essa ação da professora favoreceu o desconforto do aluno em pertencer a um lugar em que não era acolhido da forma que deveria ser, principalmente, pela pessoa que deveria ser a responsável pela sua aprendizagem e, conseqüentemente, também pela sua formação. Reiteramos, aqui, a afirmação de Vigotski (1993) de que o ambiente tem qualidades e características que marcam o desenvolvimento da criança. Para o autor, o ambiente contextualiza as vivências da criança. Essas vivências resultantes das relações com a professora sugeriram uma influência negativa no desenvolvimento das crianças, além de sentimentos de desprazer para com a escola:

[...] P.: Por que você fez essa careta quando ela (professora) virou as costas? Fernanda: Ela está ensinando a colega ao invés de me ensinar para acabar. Aí ela fica lá. P.: Você fez isso porque queria que ela terminasse de te ensinar? Fernanda: É. Ela parou e ensinou outro... É por isso que eu não gosto disso. P.: Por isso você fez essa careta? Fernanda: Hum Hum. P.: Você pediu para ela fazer só com você? Fernanda: Não. P.: Se você falasse, ela iria fazer? Fernanda: Ia muito. (Fala em tom de deboche) P.: Ela falaria o que com você? Fernanda: Não só tem você na sala! (imita a voz da professora) P.: E ela falava desse jeito? Fernanda: Ela falava comigo. Eu gritava com ela (dá risada e, logo em seguida, pede desculpas). (Autoscopia Fernanda)

Fernanda também demonstrou ter consciência da rejeição, expressando claramente seus sentimentos: “[...] eu não gosto disso”. Quando questionada sobre o porquê ela não pedir à professora para ensiná-la antes do colega, ela, provavelmente, com base em situações anteriores, presumiu o que aconteceria: a professora responderia “Não só tem você na sala!”. A rejeição agravada com as cores sombrias da humilhação passou a compor essa realidade:

[...] P.: O que você achou do que ela fez com você? Fernanda: (coloca as mãos no rosto) P.: Você achou certo o que ela fez? Fernanda: (balança a cabeça negando). P.: Você ouviu do que ela te chamou? Fernanda: De burra. P.: E você fez o quê? Fernanda: Fiquei quieta. (Autoscopia Fernanda)

Talvez seja esse o motivo de Fernanda, que em outras ocasiões, reagiu firmemente às ações de violência da professora ou quando foi chamada de “burra” emudeceu, paralisando suas reações. Considerando o impacto dessas ações e, que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre pessoas que a criança se constitui; dentre essas, as vivenciadas com a professora assumem, nessa fase da vida, especial importância para a sua constituição. Dessa maneira, as experiências que vivenciaram, principalmente com a professora, marcaram e deram um sentido afetivo à construção das significações dos objetos internalizados.

Observamos que as crianças demonstraram, em muitos momentos, ter consciência das agressões verbais, da rejeição, da humilhação e da indiferença a que foram submetidas. Embora

tenham evidenciado alguma aceitação elas não foram passivas o tempo todo; em algumas ocasiões, mostraram-se capazes de avaliar, tecer críticas e ponderações à realidade vivenciada por elas, principalmente ao ser professora, à forma de ensinar e aos sentimentos experimentados no cotidiano da sala de aula. Isto sugere que o contraponto à violência psicológica, representado pelas relações positivas, em especial com outra professora que não a delas, se constituiu em um importante balizador para a crítica e a não passividade.

## **O uso da autoscopia na pesquisa com crianças: considerações metodológicas e suas potencialidades**

A criança como participante/produtora de dados, reflete um processo transformador do seu papel em investigações científicas ressoado por um avanço teórico e da mudança de procedimentos que possam ajudar na compreensão da forma de pensar/significar desse participante. Com isso, o resultado desse estudo destaca alguns pontos a serem considerados na aplicação da autoscopia como recurso metodológico na pesquisa com crianças observando: da autoscopia (duração dos encontros e aplicação sem uso de outros recursos metodológicos), da criança (falar do outro, falar de si e condição de autora).

O tempo de **duração dos encontros** foi um dado significativo para o desenvolvimento dessa ferramenta na pesquisa com crianças. Muitas vezes estas se desestimularam e demonstraram desmotivação, sendo necessário a interrupção o que confirmou a necessidade de outros estímulos para as crianças. A ideia da inclusão do encontro no horário de atendimento foi um ponto significativo, pois, de certa forma, também viabilizou o fornecimento de dados que permitiram à psicóloga os resultados de seu trabalho com as crianças.

Outro dado é a autoscopia não impor a necessidade da **aplicação de outros recursos metodológicos** para dinamização do diálogo e da escuta como, por exemplo, utilização de outros instrumentos metodológicos para complementação, muitas vezes, propostas pela própria criança. Segundo Faria *et al.* (2005) dependendo do contexto, podemos ter uma criança que fala e outra que não fala. Esse contexto de pouca fala, se configurou na pesquisa, a dificuldade em trabalhar e entender o que é dito e o que não é dito, pois dependendo do contexto há crianças com mais condições de falar e outras com menos.

A participação da criança como sujeito de pesquisa com direito à voz, tem sido objeto de crescente debate na literatura (Faria *et al.*, 2005, Alderson, 2005; Nascimento, 2011; Ferraz, 2021; 2022). Levamos em conta a afirmação de Quinteiro (2005, p. 42), que “as falas das crianças [...] indicam e revelam aspectos da vida e do mundo concreto com uma sabedoria

# POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS DA AUTOSCOPIA NA PESQUISA COM CRIANÇAS EM CONTEXTO ESCOLAR

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz

encantadora”. Entendemos, dessa forma, que as falas das crianças demonstram uma identidade construída dentro de grupos. Devemos, então, pensar isso em razão do outro com quem essa criança convive.

E ao **falar sobre o outro** as crianças verbalizaram e manifestaram emoções e sentimentos presentes nas relações professora-aluno, revelando como elas significaram suas experiências acerca dos episódios. O uso da autoscopia possibilitou à própria criança expressar-se a respeito das situações vivenciadas na relação professor-aluno e produzir, assim, elementos/indícios para a compreensão do impacto dessa vivência nas formas de ver o outro e a si. Isso pode ser constatado a partir dos relatos verbais das crianças sobre a visão da criança acerca das ações da professora e sobre si.

Os dados indicaram também que as vivências das crianças na relação professora-aluno contribuíram para que elas se avaliassem e se objetivassem no mundo: **o falar de si**. Dessa forma, segundo Silva, Rossetti-Ferreira (2005, p. 39) é nas emoções das palavras narradas que “emergem os significados historicamente construídos, as vozes sociais e institucionais apropriadas, compartilhadas e/ou negadas pela pessoa que, imersa nestas significações, busca dramaticamente construir sentidos para sua vida”. Isso possibilitou compreender a percepção que a criança apresentou de sua realidade sinalizando o quanto ela se aproximava ou se distanciava dos modelos, regras e padrões de conduta estabelecidos pelo meio em que vive. A forma como as crianças viam o outro e a si mesmas, dependeu da qualidade dessa relação vivenciada em sala de aula. Assim, por meio da autoscopia essa experiência subjetiva pode ser acessada por meio dos relatos verbais e comportamentos observáveis das crianças referentes às ações da professora.

Através da autoscopia as verbalizações das crianças também foram consistentes e reveladoras acerca das vivências com a professora na sala de aula, dado que confirma e valida a eficácia da utilização desse recurso na pesquisa com crianças. Segundo Vigotski (2021) o sujeito, a partir das relações que vivencia no mundo, produz significações e, portanto, como ser significativo tem a fala como objetivação da sua subjetividade. A fala como algo a ser compreendido pelo outro passa a ser, mediante uma análise da pesquisadora, uma relação de interpretação da subjetivação do sujeito. É importante salientar que o número de encontros na autoscopia não estava relacionado à intensidade das falas que possibilitasse a construção dos dados, e sim, ao número de ações de violência a serem analisadas pelas crianças.

A dificuldade para se expressar verbalmente, confirmou uma problemática existente na pesquisa com crianças que é o falar de si. Como falar é se autorizar, é ser sujeito do seu enunciado, é principalmente, dizer de si, isso conduz a pensar que os instrumentos de pesquisa



devem favorecer e não privar as crianças dessa condição de serem autoras. Talvez longos períodos de silêncio, revelem ser uma dificuldade de se autorizar, de falar de si pela fala propriamente dita ou pela gestualidade. Muitos são os fatores que envolvem as significações emergidas do silêncio, mas o que podemos pensar é que o silêncio é a configuração da sua própria condição de sujeito, isto é, um sujeito que sofre, diante de sua dor e de suas tentativas em superar, como no caso das crianças desse estudo.

Nesse sentido, há uma necessidade de o pesquisador atentar para a própria **condição da criança como autora**: sair da condição de passivo e passar para a condição de autor. A ressignificação dessa condição é constitutiva da pessoa. Nesse processo, as crianças vivenciam uma realidade totalmente adversa que oprime, mas elas também reagem por meio de uma luta interna para serem autores independentes.

Portanto, pensar sobre si e sobre o outro exigiu, das crianças, uma mobilização afetiva acerca das experiências, muitas vezes desagradáveis vivenciadas nas relações com o outro. Por meio da autoscopia, as crianças manifestaram os seus sentimentos e denunciaram a desvalorização sofrida, revelando o quanto valorizavam o ambiente escolar. Destarte, metodologicamente, a autoscopia se mostrou eficiente para o processo de identificação e análise dessas ações no contexto escolar e, principalmente, no uso da pesquisa com crianças (Ferraz, 2020, 2021, 2022). O uso da autoscopia na pesquisa com criança comporta as funções desse recurso, a saber: enuncia funções como a avaliação de si e do outro através da confrontação de imagens (Nunes, 2020; Ferraz, 2022), bem como a possibilidade de uma modificação da ação pela/atraves da percepção de aspectos que antes desconhecia e a constatação de contradições.

## Conclusões

A pesquisa qualitativa privilegia algumas técnicas que possibilitam a descoberta de fenômenos latentes. Isso pressupõe que a utilização de técnicas/recursos não deve construir um modelo único e exclusivo. A pesquisa é uma criação que mobiliza a acuidade inventiva do pesquisador, sua habilidade artesanal e sua perspicácia para elaborar a metodologia adequada ao campo de pesquisa e aos problemas que ele enfrenta com os participantes da investigação. O pesquisador deverá, porém, expor e validar os meios e técnicas adotadas, demonstrando a cientificidade dos dados colhidos e dos conhecimentos produzidos.

Uma das contribuições desta pesquisa foi demonstrar as potencialidades da autoscopia ser um recurso eficiente para a investigação com crianças em contexto escolares. As verbalizações e manifestações das crianças na autoscopia possibilitaram avaliar um instrumento

# POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS DA AUTOSCOPIA NA PESQUISA COM CRIANÇAS EM CONTEXTO ESCOLAR

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz

que permitiu ao sujeito participante redimensionar suas ações e as formas de pensar sobre si e sobre o outro.

Dessa forma, o recurso da autoscopia possibilita uma compreensão profunda sobre os fenômenos, ao invés de conclusões amplas e até superficiais construídas por outras formas de abordagem. Com o uso da videogravação tornou-se possível analisar todo o material de pesquisa e manter a neutralidade dos dados. Sendo assim, o uso do vídeo permite certo grau de exatidão na coleta de informações frente aos tradicionais questionamentos da subjetividade da pesquisa qualitativa, além de reproduzir a fluência do processo pesquisado, ver aspectos do que foi ensinado e apreendido, observar pontos que muitas vezes não são percebidos.

Assim, constatamos que a autoscopia pode possibilitar ao sujeito uma reflexão sobre as condições de elaborarem e constituírem novas formas de relações inter e intrapessoais, o que talvez possa modificar suas ações e experiências no contexto em que se inserem. Por fim, também confirmar a necessidade de estudos que possibilitem a construção de experiências inovadoras, promovendo mudanças na escola, no próprio docente e no aluno.

## Referências

ALDERSON, Priscila. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia da pesquisa. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-442, mai./ago., 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 20 jun. 2011.

ARRIGO, Viviane; LORENCINI JÚNIOR, Álvaro; BROIETTI, Fabiele Cristiane Dias. A autoscopia bifásica integrada ao microensino: uma estratégia de intervenção reflexiva na formação de professores de química. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 22, n. 1, p. 01-22, 2017. Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/191> Acesso em: 18 fev. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001.

BOURRON, Yves; CHADUC, Jean-Pierre; CHAUVIN, Marc. **L'Image de Soi par la Vidéo: Pratiquede l'Autoscopie**. Paris: Top Éditions.1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. **Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde: um passo a mais na cidadania em saúde**. Ministério da Saúde, Secretaria de Assistência à Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde. 2002.

CARVALHO, Diego Fogaça; PASSOS, Marinez Meneghello. A autoscopia e o desenvolvimento da autonomia docente. **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, Belém, v. 10, n. 20, p. 80-100, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistaamazonia/article/view/2300>. Acesso em: 26 jun. 2020.



POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS DA AUTOSCOPIA NA PESQUISA COM CRIANÇAS EM  
CONTEXTO ESCOLAR

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz

CODATO, Marcos Vinícius Ferreira; GOMES, Paulo César. Processo de Autoscopia como fonte de reflexão para a ação educativa em aulas de Ciências. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 27, n. 2, p. 133-157, 2022. Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/2762>. Acesso em: 27 dez. 2023.

FARIA, Ana Lúcia; DEMARTINI, Zeila de B. F.; PRADO, Patrícia D. (orgs.) **Por uma cultura da infância**: metodologia de pesquisa com crianças. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento. A autoscopia na investigação em educação: compreensão teórico-metodológica de uma observação reflexiva. **Momento - Diálogos em Educação**, v. 31, n. 03, p. 144-160, 2022. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/14279>. Acesso em: 26 maio 2023.

FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento. Prática pedagógica de professores: um estudo sobre atos de violência psicológica na sala de aula. In: FERREIRA, Lúcia Gracia; FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento. **Educação, Subjetividade e Trabalho Docente**. Ilhéus: Editus, 2021. p. 191-212.

FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento. Pesquisa com crianças: Autores e atores da sua história. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, Itapetinga, v. 2, n. 5, p. 1-21, jul./set., 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/9584>. Acesso em: 26 dez. 2022.

FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento; FERREIRA, Lucimar Gracia; FERREIRA, Lúcia Gracia. Ressignificação da Prática Pedagógica: Contribuições da Autoscopia para a formação do professor. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**. v. 7, p. 222-237, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/9846> Acesso em: 26 dez. 2022.

GALVÃO, Zenaide; CUNHA, Antônio Camilo. A autoscopia como estratégia: a percepção e reflexão de uma professora de Educação Física sobre sua ação pedagógica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER E SAÚDE, 9, Braga-Portugal. **Atas [...]**, 9, Braga/Portugal, 2013, p. 207-218.

NASCIMENTO, Rita de Cássia Souza. **Entre xingamentos e rejeições**: um estudo da violência psicológica na relação entre professor e aluno com dificuldades de aprendizagem. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

NUNES, Leila Regina d'Oliveira de Paula (org.) **Autoscopia**: uma ação reflexiva sobre a prática docente. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2020.

OLIVEIRA, Ivone Martins de. **O sujeito que se emociona**: signos e sentidos nas práticas culturais. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

OLIVEIRA, Andréa Pires de *et al.* Análise da agressividade docente na cena pedagógica: implicações para a formação de professoras(es). **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 53, n.



POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS DA AUTOSCOPIA NA PESQUISA COM CRIANÇAS EM  
CONTEXTO ESCOLAR

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz

1, p. 178-201, 2021. Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382021000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382021000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 27 nov. 2023.

QUINTEIRO, Jucirema. Infância e educação no Brasil: um campo de estudo em construção. *In*: FARIA, Ana Lúcia; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (orgs.) **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

RISTUM, Marilena. **O conceito de violência de professoras do ensino fundamental**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

ROSA-SILVA, Patrícia de Oliveira; LORENCINI JÚNIOR, Álvaro. Análise das reflexões de uma professora de ciências do ensino fundamental sobre avaliação escolar. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 18, n. 38, p. 111-136, 2007. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/2086>. Acesso em: 23 mar. 2020.

SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão; LAROCCA, Priscila. Autoscopia: um procedimento de pesquisa e de formação. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 30, n. 3, p. 419-433, 2004. DOI: 10.1590/S1517-97022004000300003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27948>. Acesso em: 20 dez. 2010.

SCHMIDT, Carlo; NUNES, Leila Regina O. de; SILVA, Thatyana M.; OLIVEIRA, Jéssica Jaíne M. de. Autoscopia as a methodological resource in the interventions with autism: empirical aspects. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 418-436, 2019. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872019000300012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872019000300012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 dez. 2020.

SCHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed. 2000.

SILVA, Ana Paula Soares; ROSSETTI\_FERREIRA, Maria Clotilde. O estudo de entrevistas biográficas através da perspectiva da rede de significações. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO, 5, 2005, São Paulo. **Anais [...]**, 5, São Paulo: Sociedade Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento, 2005.

SILVA, Thatyana Machado Silva; NUNES, Leila Regina d'Oliveira de Paula. O uso da autoscopia como aliada na formação continuada de professores de Sala de Recursos Multifuncionais. *In*: NUNES, Leila Regina d'Oliveira de Paula; SCHIRMER, Carolina Rizzotto (orgs.) **Salas abertas: formação de professores e práticas pedagógicas em comunicação alternativa e ampliada nas salas de recurso multifuncionais** [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017, pp. 137-168. Disponível em: ePUB from: <http://books.scielo.org/id/xns62/epub/nunes-9788575114520.epub>.

SOUZA, Daniela Maisa, BACKES, Vânia Marli Schubert., PRADO Marta Lenise, MOYA, José Luís Medina. Autoscopia no processo de formação de docentes reflexivos. **Revista Rene**, v. 20: e40881, p. 1-9, 2019. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/42589/1/2019\\_art\\_dmsouza.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/42589/1/2019_art_dmsouza.pdf). Acesso em: 13 jun. 2020.



POTENCIALIDADES METODOLÓGICAS DA AUTOSCOPIA NA PESQUISA COM CRIANÇAS EM  
CONTEXTO ESCOLAR

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz

TOSTA, Cinthia Gomide. **Autoscopia e desenho**: a mediação em uma sala de Educação Infantil. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia, educação e desenvolvimento**: escritos de L. S. Vigotski; organização e tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes, 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch **Psicologia pedagógica**: edição comentada. Porto Alegre, Artmed. 2003.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Manuscrito de 1929. **Educação e Sociedade**, v. 21, n. 71, p. 21-44. 2000. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200002> Acesso em: 15 fev. 2020.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch **Obras Escogidas II**. Madrid, Centro de Publicaciones del MEC y Visor Distribuciones. 1993.

## **SOBRE A AUTORA**

**Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz**. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Líder do Grupo de Pesquisa e Estudos Pedagógicos (GPEP/CNPq/UESB). <http://lattes.cnpq.br/3806142815039886>

## **Como citar este artigo**

FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento. Autoscopia na pesquisa com crianças em contexto escolar: potencialidades metodológicas. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, Itapetinga, v. 6, n. 13, p. 1-19, jan./dez., 2025.

